



SALÃO DOS HUMORISTAS PORTUGUESES –

1.ª EXPOSIÇÃO DE CARICATURAS

Inaugurou no **Grémio Literário**, em Lisboa, a **9 de Maio de 1912**, apresentando obras de cerca de **duas dezenas de artistas, muitos deles, jovens**, desconhecidos do grande público. Evocamo-lo hoje, cem anos decorridos, como uma **das primeiras manifestações do Modernismo** em Portugal.

Segundo a descrição de Silva Passos, para o diário republicano *A Capital*, o Salão revestiu «*o aspecto agradável de uma festa simultaneamente elegante e artística*»¹, deixando subentendido que os dois atributos nem sempre ou raramente coexistiam. Retenha-se que a observação é comum a outros comentários, publicados em outros periódicos.² Mas naquela quinta-feira, **a presença do Presidente da Republica, Manuel de Arriaga** e respectiva comitiva, **emprestou brilho ao evento**. E de alguma forma validava as propostas tidas por extravagantes ali presentes, as que contrastavam com o estabelecido, com o que era comum, gorando as expectativas do visitante e provocando a sua sensibilidade. Embora não esteja esclarecida a origem da ideia de chamar ao Salão uma figura tão proeminente e simbolicamente integradora como o presidente da jovem República, **o certo é que a própria concepção da exposição denunciava uma estratégia mais de conciliação ou transição do que de ruptura**.

O “mestre” **Raphael Bordallo Pinheiro** (1846-1905), bem como outros artistas já falecidos, que se tinham mantido fiéis à escola bordaliana, como **Celso Hermínio** (1871-1904) ou **Francisco Teixeira** (1865-1911), foram evocados e homenageados em espaço de destaque, logo no início do roteiro expositivo. Só depois desfilava a criatividade dos “novos”. O mesmo comentador d’*A Capital* começa por destacar o trabalho de **Manuel Gustavo** (1867-1920): «aquelle amado traidor á caricatura, prendeu-se-lhe de novo aos encantos e, regressando aos primeiros amores, dá[va] uma nova forma do seu lápis»³ - note-se que o “reparo” sublinha, exactamente, a possibilidade de inovar dentro da escola bordaliana ou a partir dela. De seguida, chamou à sua prosa descritiva outros artistas participantes, aludindo a alguns dos trabalhos que expunham. Na sua opinião, **Christiano Cruz** (1892-1951), **Almada**

¹ Cf. *A Capital: diário republicano da noite*, nº 638, 9/05/1912, p. 2.

² Na Hemeroteca Digital podem ser consultados alguns títulos que dedicaram atenção ao Salão dos Humoristas Portugueses, como seja *A Capital, Ilustração Portuguesa, Occidente e Brasil-Portugal*.

³ Cf. *A Capital: diário republicano da noite*, n.º 736, de 15/08/1912, p. 3.



Negreiros (1893-1970), **Hypolito Colomb** (1892-1947), **Stuart Carvalhaes** (1887-1961), **Francisco Valença** (1882-1962), **Joaquim Guerreiro** (1886-1941), **Emerico Nunes** (1888-1968) e **Alfredo Cândido** (1879-1960) representavam «o melhor» que encontrou no Grémio. Mas como fez questão de deixar explicitado, não recusava «valor» aos outros participantes, não mencionados. Desse conjunto faziam parte: **Américo Amarelhe** (1892-1946), **Izidro Aranha**, **Jorge Barradas** (1894-1971), **Cândido da Silva** (1875-?), **Faria e Maya** (Ernesto do Canto), **Menezes Ferreira** (1899-1936), **Oliveira** (António Maria de), **Rocha Vieira** (Alfredo Carlos; 1883-1947), **Saavedra Machado** (João; 1871-1950), **Sanches de Castro** (A.; 1888-?), **Hugo Sarmiento**, **Viriato Silva** (1876-?), **Sílvio Duarte** (Cerqueira), **Castané** (Adolpho Rodrigues; 1887-?) e **Santos Silva** (1871-1948).

O mesmo cuidado em conciliar o “velho” e o “novo” também parece estar presente no título que a exposição assumiu e fez imprimir na capa do catálogo: «*Salão dos Humoristas Portugueses: 1.ª Exposição de Caricaturas*» – provavelmente, também figurou em cartazes e outros materiais promocionais distribuídos pela cidade. A palavra “caricatura” era, certamente, mais familiar ao grande público e, portanto, essencial no momento da comunicação com ele. Mas estava indelevelmente associada a um passado de luta política e a uma estética que os novos consideravam esgotada e ultrapassada. Com aquela composição habilidosa, os novos artistas sublinhavam a sua diferença em relação aos caricaturistas “clássicos”, mas sem renegarem completamente o seu legado.

Concretamente, o que reclamavam os “novos” caricaturistas, isto é, os humoristas?

A **entrevista que Christiano Cruz deu para A Capital, em Agosto de 1912**, já na ressaca do Salão, é muito esclarecedora, pelo que a evocamos aqui. Para mais é um testemunho em primeira-mão, de um caricaturista, ou melhor, de um humorista, profundamente envolvido no movimento de renovação da caricatura e das artes que então se processou.

Questionado sobre os objectivos que norteavam o recém-criado Grupo dos Humorista, Christiano começou por criticar a concepção de caricatura que imperava no país, ou seja, as expectativas do público em relação àquela forma específica de expressão artística: «*Sim, meu amigo, em Portugal não se sabe o que é a caricatura. O nosso publico só procura n'este género artístico o prazer de conhecer as figuras, (...); para elle só existe, portanto, a caricatura pessoal, politica, dentro da qual, segundo a minha humilde opinião, um artista já não pode hoje, revelar grandes faculdades. As situações politicas repetem-se; as circunstancias que as acompanham são hoje o que eram hontem e, consequentemente, as criticas analogas hão-de ser. Depois de Bordallo ninguém fez*



nada na caricatura política que mereça menção;»⁴ À parte a ferroada política e o radicalismo presente na análise, não oferece dúvida que Christiano reclamava uma elevação do estatuto da caricatura no panorama das artes e, conseqüentemente, dos artistas que a cultivavam, os humoristas. Tal passava necessariamente pela projecção de uma nova ideia de caricatura. Uma caricatura livre da sua matriz original, a acção política, e atenta a todas as manifestações da vida e também à estética.

No entanto, essa independência do artista face à política não implicava qualquer renúncia da sua capacidade de intervenção social, pelo contrário. Como Christiano Cruz defendeu claramente, ao humorista competia um papel orientador e formador do público, ideia que tem implícita, mais uma vez, a elevação do humorista, enquanto artista, e a sua equiparação com a elite: **«o artista se não deve nunca sujeitar ao gosto do público; que antes se lhe deve impor levando-o, embora lentamente, no gosto da boa caricatura; para o que deve primeiramente perder a preocupação dos de[z]rézinhos.»⁵**

Mas o que é que os humoristas entendiam por «boa caricatura»? Para Cristiano Cruz **«Um caricaturista deve ser sempre um romancista do traço, deve pôr as suas faculdades ao serviço da ideia e não ser um auctor de sueltos políticos (...).»⁶** Nesse quadro conceptual, o campo de abordagem do artista alargava-se ao infinito, **materializando-se na «caricatura impessoal», centrada na sociedade, nas suas práticas quotidianas, nos seus valores, nos costumes, etc.** Trata-se, sem dúvida, de uma forma de humor mais elaborada, na medida em que não é imediata, nem óbvia. Exige mais do artista, mas também reclama mais do leitor. De certa maneira, é nele, leitor, enquanto membro da sociedade, que a crítica assenta, despertando-o, desafiando-o a reflectir e, talvez, a mudar. Não oferece dúvida, que a mudança de paradigma tinha implícita uma descrença na República e nos políticos republicanos, enquanto agentes de progresso e mudança, não obstante a puerilidade do regime e a expectativa que gerara.

A evolução no sentido da intelectualização da caricatura teve, certamente, impacto quer ao nível do estatuto do caricaturista, quer no perfil do público interessado na caricatura. O continuado aparecimento de novos artistas e de projectos editoriais inovadores, a realização de exposições e o interesse das galerias de arte, a crescente presença dos novos caricaturistas em periódicos não humoristas assim o

⁴ *Idem*

⁵ *Idem*

⁶ *Idem*



parecem indiciar. De qualquer forma, **as duas escolas, a clássica ou bordaliana e a moderna, coexistirão por largos anos.**

Importa ainda referir, que o Salão foi a primeira iniciativa pública da **Associação dos Humoristas Portugueses**, criada em Maio de 1911, a partir do jornal *A Sátira*⁷. Em linhas gerais, a agremiação propunha-se divulgar e promover o humorismo, sublinhando «o seu papel social na correcção dos costumes» e defender os interesses da classe, em vários domínios, como o da concorrência estrangeira, da remuneração, dos direitos de autor, entre outros, etc.⁸

Do ponto de vista do impacto público, da divulgação do humorismo e dos novos criadores, **o Salão dos Humoristas foi um sucesso inegável.** Mas entre a “classe” não conseguiu o consenso, como decorre da ausência de alguns artistas – Leal da Câmara, por exemplo, que realizou uma exposição autónoma – ou do silêncio com que a generalidade da imprensa humorística votou ao Salão. A razão ou razões que alimentaram essas “dissidências” não foram expostas na praça pública, o que teria sido um autêntico borrão no *curriculum* da Sociedade dos Humoristas Portugueses, nascida sob o lema “a união faz a força”.

Rita Correia

Lisboa, 30 de Março de 2012

Bibliografia consultada

FRANÇA, José-Augusto – *A arte e a sociedade portuguesa no século XX*. Lisboa: Livros Horizonte, 1972.

DEUS, António Dias de – *Os comics em Portugal. Uma história da banda desenhada*. Lisboa: Cotovia/Bedeteca, 1997. ISBN 972-8423-04-7.

SÁ, Leonardo de – «Joaquim Guerreiro. A sua biografia verdadeira», in *BDjornal*, #23, de 23/10/2008, pp. 32-33

⁷ Este título está disponível em linha, na Hemeroteca Digital. Para saber mais sobre a história desta publicação humorística, ver a sua ficha histórica, da nossa autoria, e igualmente acessível na Hemeroteca Digital.

⁸ É possível consultar as «Bases» da Associação no último número d' *A Sátira*, que se encontra digitalizada e acessível na Hemeroteca Digital.



SOUSA, Osvaldo Macedo de – *História da arte da caricatura de imprensa em Portugal*. Vol. II. Lisboa: Edição Humorgrafe/S.E.C.S., 1999. ISBN972-8380-27-5.

“*Salão dos Humoristas Portugueses. Catálogo da 1.ª Exposição de Caricatura em 1912*”. Lisboa: Papelaria e Typographia de Baptista & C.^a

“*O Jogo da Política Moderna!*” *Desenho humorístico e caricatura na I República* (catálogo da exposição). Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. Direcção Municipal de Cultura: Grupo de Trabalho para as Comemorações Municipais do Centenário da República, 2010. ISBN: 972-8695-35-4.